

# A NATURALIZAÇÃO DA OPRESSÃO E DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NA PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL DE GOIÂNIA

Márcia Cristina Hizim Pelá<sup>1</sup>  
Eguimar Felício Chaveiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Goiânia, a primeira capital planejada do Cerrado no século XX, teve como vetores fundantes da sua produção socioespacial o capitalismo e o patriarcado. Contextos econômicos e culturais a tornam uma cidade sexista, fragmentada, desigual e violenta contra todos os que são subjugados por este sistema, como é o caso das mulheres, especialmente as trabalhadoras. A questão central deste artigo é averiguar quais estratégias são usadas para garantir a naturalização dessa perversa lógica. As reflexões aqui apresentadas foram compostas por pesquisas acumuladas sobre a produção socioespacial de Goiânia; estudos e pesquisas de feministas geógrafas e de outras áreas do conhecimento; dissertações e livros que tratam das histórias das mulheres e das cidades; e por uma pesquisa online<sup>3</sup>, realizada em 2021.

**Palavras-chaves:** Mulheres, Desigualdade, Sexismo, Goiânia.

## THE NATURALIZATION OF OPPRESSION AND VIOLENCE AGAINST WOMEN IN SOCIO-SPATIAL PRODUCTION OF GOIÂNIA

**Abstract:** Goiânia, the first planned capital of Cerrado in the 20th century, had as founding vectors of its socio-spatial production: capitalism and patriarchy. Economic and cultural contexts that make it a sexist, fragmented, unequal, and violent city against all who are subjugated by this system, such as women, especially female workers. The central issue of this article is to find out which strategies are used to guarantee the naturalization of this perverse logic. The reflections presented here were composed of accumulated research on the socio-spatial production of Goiânia; studies and research by geographic feminists and other knowledge areas; dissertations and books dealing with the stories of women and cities; and by an online survey conducted in 2021.

**Keywords:** Women, Inequality, Sexism, Goiania.

---

<sup>1</sup> Professora do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN); Doutora em Geografia (UFG) e pós-doutoranda em Natureza e Produção do Espaço no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). Email: [marciapela@unifan.edu.br](mailto:marciapela@unifan.edu.br)

<sup>2</sup> Professor associado do curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás. Email: [eguimar@hotmail.com](mailto:eguimar@hotmail.com)

<sup>3</sup> A pesquisa intitulada “As mulheres e a produção do espaço urbano de Goiânia”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE: 45134921.3.0000.8011, entrevistou 188 mulheres e teve como objetivo abrir a escuta sobre as impressões, objetivas e subjetivas, que elas têm da vida urbana goianiense.

## INTRODUÇÃO

Goiânia de Pedro. De pedra. De migrantes – e de aventureiros. Cidade colonizadora; entreposto entre norte e sul, entre litoral e sertão. Cidade de Atílio e Buenos. Modelos e modas. O urbanismo moderno. Os deslizamentos dos códigos “primiciais”. Os parques. Os cinturões verdes. Os vazios. Os sujeitos. Cadê a Maria? A Joaquina? A Ludovica?

Cadê Goiânia? Goiânia esta acolá e aqui. Acolá é o oficial. Vazio da presença feminina nas histórias sobre os seus traçados, seus conteúdos e suas memórias. Daí nasceu o aqui. Aqui é o espanto e a vontade de compreender a origem e as tramas que permeiam esse vazio nas narrativas oficiais sobre a produção socioespacial da primeira capital planejada do Cerrado no século XX. Daí brotaram as interrogações, as dúvidas e as incertezas, e com elas surgiram os desafios de construir outras narrativas, outros olhares e outros caminhos de investigação.

Caminhos estes que estão sendo edificados, dia após dia, alimentados pela vontade de desvendar e compreender como os porquês; os como; o onde; o para quem; o por quem foram instituídos e construídos como verdades únicas e absolutas. Esse é um dos grandes desafios do processo de investigação pois requer o ampliar do foco da inquirição para que se possa apreender o que está por trás dos códigos e das normas que constituem o processo de produção espacial.

Neste sentido, é que este trabalho – fruto das investigações da pesquisa de Pós-Doutorado “As mulheres e a construção do espaço de Goiânia”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPgeo) da Universidade Federal de Goiânia (UFG) – propõe engrossar as vozes de centenas de geógrafas feministas que lutam para a construção de uma abordagem geográfica que inclua a questão de gênero como uma categoria fundamental no processo de análise socioespacial. É passada a hora de compreender que o sexismo é mais um instrumento de controle e subordinação usado pelo modo de produção capitalista mediante a cultura do patriarcado para controlar e expropriar a classe oprimida, como é o caso das mulheres, especialmente as trabalhadoras.

Federici (2017) colabora com a questão ao dizer que a sujeição do corpo feminino como um bem comum para o capitalismo e para os homens, aliada à expropriação da mão de obra camponesa, ao roubo de terras e à dominação dos africanos e americanos, é um fator instituidor do capitalismo. Pela violência e pelo medo as mulheres foram impelidas a se tornar “produtoras de mão de obra” e a fornecer, de graça, os serviços domésticos necessários para sustentar seus maridos e filhos. Tudo isso seria utilizado como mão de obra no sistema emergente.

Dessa forma, a análise parte de dois pressupostos: o primeiro é a imbricação entre capitalismo e patriarcado, por meio dos códigos, das normas e das instâncias de poderes que dominam as estruturas econômicas e socioculturais da atual sociedade. Ao assim proceder, constrói os instrumentos (objetivos e subjetivos) que geram a opressão contra a mulher, atravessando o seu corpo e a sua subjetividade.

Em Goiânia, o resultado dessa nefasta conjunção foi apresentado em março de 2020, pela Secretaria Municipal da Saúde, ao divulgar o Relatório da Violência contra a Mulher em Goiânia. Segundo os dados do relatório, a cada cinco dias, uma mulher goianiense morre por algum tipo de violência física, sexual ou psicológica; entre 2009 a 2019, 696 mulheres já tinham sido vítimas de feminicídios na cidade; de 2011 a 2017, 1 milhão de mulheres já foram vítimas de violência na

cidade. Há que saber: o perfil das vítimas é composto, prioritariamente, por mulheres negras, pobres, solteiras e de baixa escolaridade.

Esta violência que assola a vida cotidiana das mulheres é o que embasa o segundo pressuposto. Ele se refere aos códigos e às normas caolhas e binárias usadas pelas instâncias de poder para escamotear as desigualdades socioespaciais, a concentração de riquezas e a espoliação do trabalho das mulheres.

A partir dessas assertivas, questiona-se: quais estratégias são usadas para garantir a perpetuação de tamanha desigualdade, violência e opressão da mulher relativa à cidade e à atual sociedade? Quais são as bases que sustentam os códigos e as normas que transformam Goiânia em um espaço sexista?

Para responder a estas indagações, valemo-nos de pesquisas acumuladas envolvendo diretamente a interpretação da estrutura espacial de Goiânia (GO). Recorremo-nos também a teses, dissertações, livros, arquivos oficiais e outros tantos trabalhos de geógrafas e pesquisadoras feministas que investigam a história das mulheres, a história das cidades e a história da produção do espaço urbano. Como fontes exploratórias documentais e imagéticas, buscamos os jornais; a Internet; e acervos dos movimentos de mulheres<sup>4</sup>. Por fim, devido à pandemia da Covid-19, realizamos a pesquisa on-line – As mulheres e a produção do espaço urbano de Goiânia – em que 188 (cento e oitenta e oito mulheres) responderam a dois questionários, alicerçando-nos com as suas impressões e olhares sobre a cidade. Todo esse arcabouço teórico e documental nos auxiliou a compor as reflexões que apresentaremos a seguir.

## MULHER: “ESTE LUGAR NÃO É PARA VOCÊ!”

Quantas mulheres, ao andarem pelas ruas, já sentiram a sensação de uma mensagem subliminar dizendo que “aquele lugar que você procura não é para você”!

Ruas escuras, assédios morais e sexuais, ônibus abarrotados, calçadas irregulares, assaltos, violência, lugares hostis à presença feminina, entre tantos outros espaços nas cidades, parecem que, por si só, expõem e levam as mulheres a terem a sensação de exclusão, melhor dizendo, de expulsão socioespacial.

As sensações causadas pela expulsão espacial, que é uma forma de segregação e de preconceito, resultam da forma de experienciar, concretamente, com o corpo as cidades modernas. Erigidas sob as égides do capitalismo e do patriarcado, foram pensadas e arquitetadas para ser, inicialmente, produtos-mercadorias e, depois, para os homens. Mercadorias porque no modo de produção capitalista a cidade é o lócus do poder e das relações e ações humanas. Ela é a própria centralidade e, como tal, tudo que a envolve – como os espaços públicos ou privados, os signos, a cultura, a arte, os espaços culturais e de lazer – passa a ser objeto de realização do capital e, com isso, ela, a cidade, se torna um território desigual e constantemente em disputa entre as classes oprimidas e opressoras.

Quanto aos homens, são tidos como símbolos e senhores do poder, já que historicamente todo modo de produção estipula um modo de vida que desenvolve significações e condutas morais. Por isso, não há como hierarquizar ou desmerecer a relação entre economia (infraestrutura) e cultura (superestrutura), uma vez que

---

<sup>4</sup> Dentre os acervos pesquisados destacamos o do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado (Icebe), o do Centro Popular da Mulher em Goiás (CPM); o da Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres e o da Secretaria de Políticas para as Mulheres.

ambos os sistemas caminham juntos, produzindo e reproduzindo objetos e subjetividades; conteúdos e formas; cidades e dinâmicas espaciais; humanidades e sociedades.

No caso do capitalismo, em suas diferentes fases e formas de acumulação, o sistema cultural que o acompanha é o patriarcado, garantindo ao homem o direito e o poder de propriedade sobre a mulher; sobre a força de trabalho dos trabalhadores(as); sobre a terra e tudo que nela é produzido, como é o caso das cidades. Em outras palavras, o capitalismo, como modo de produção, juntamente com o patriarcado, como a base cultural da sociedade, são os principais vetores fundantes que amalgamam a dinâmica urbana das cidades modernas, caso de Goiânia (PELÁ; CHAVEIRO, 2021). Afinal, capitalismo e patriarcado se pautam na opressão, na concentração da riqueza, na violência, no dualismo, no machismo, na pseudociência, no falso moralismo e na exploração da força de trabalho humana.

Neste sentido, é cogente que a discussão e a análise da opressão e da violência contra as mulheres no espaço urbano sejam feitas a partir da integração entre economia, cultura, história e produção socioespacial, bem como entre gênero, classe social, etnia e sexismo. Posto isto, é possível identificar a origem e o processo da opressão; da desigualdade e da violência contra as mulheres. Estes fatores são indispensáveis para o entendimento das tramas e dos dramas que tecem a vida cotidiana e, de efeito, criar alternativas concretas e estruturais de transformações das ações e relações humanas.

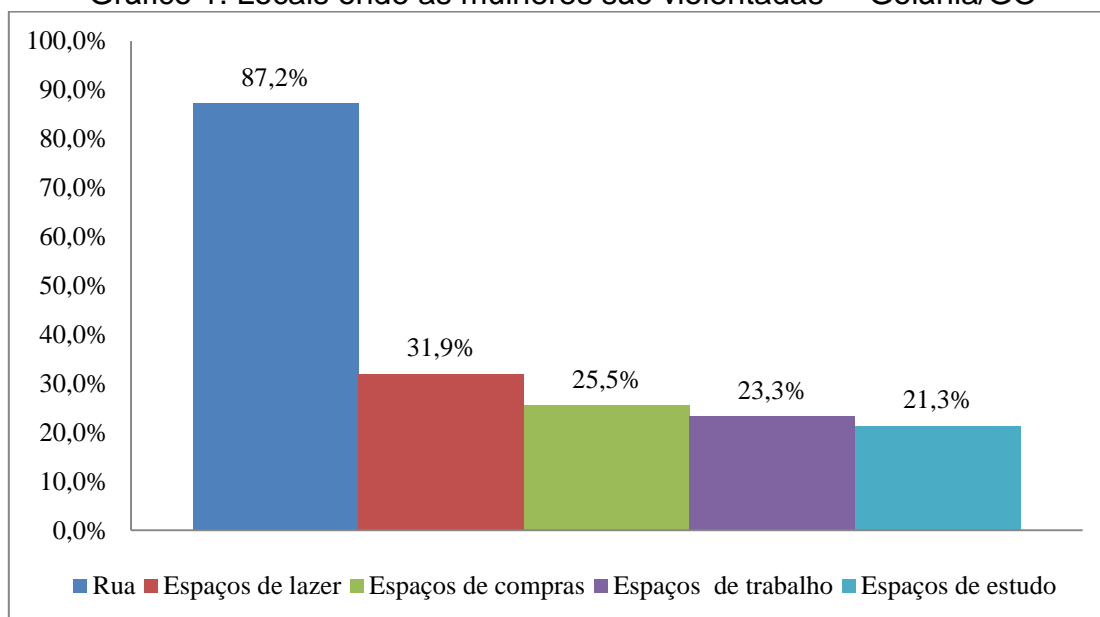
Não é por acaso que as cidades se tornam sexistas. Sexuar a cidade é algo necessário para a produção e reprodução desta lógica perversa que, ao pautar-se em uma concepção binária de poder e domínio, as torna umas das mais concretas representações de suas ideias, significações e modelos de produção e de vida. É por isso que a cidade se transforma em um território hostil e violento para todas(os) que são subjugadas(os) e excluídas(os) pelo capitalismo e pelo patriarcado, como é o caso das mulheres.

Goiânia é um exemplo concreto dessa conjuntura, conforme pode ser constatado a partir dos resultados da pesquisa “As mulheres e a produção do espaço urbano de Goiânia”. A pesquisa aponta que 68% das mulheres entrevistadas já foram vítimas de violência e assédio em espaços públicos e privados em Goiânia. A rua, com 87,2% dos casos, é o lugar de maior incidência. Os espaços de lazer, como bares, parques, shows, teatros, cafés, entre outros, estão em segundo lugar, com 31,9% das incidências. Já os locais de compras como supermercados, lojas de vestuário, *shoppings centers* e feiras<sup>5</sup> aparecem na terceira posição, com 25,5%. Os espaços de trabalho e de estudos também são hostis e violentos a elas, conforme se identifica no gráfico (Gráfico 1).

---

<sup>5</sup> A soma dos números ultrapassa 100% em virtude de ter sido possibilitada mais de uma resposta nas questões de múltipla escolha.

Gráfico 1. Locais onde as mulheres são violentadas – Goiânia/GO



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Uma leitura que se pode fazer dos dados apresentados é que a hostilidade e a violência contra a mulher se cristalizam nas formas e nos conteúdos da cidade. Dessa feita, o entendimento de que a violência contra as mulheres faz parte da produção socioespacial de Goiânia e se concretiza no plano do cotidiano de suas vidas por meio das formas de apropriação, uso e ocupação dos lugares requisita uma leitura da totalidade social e histórica em que o espaço sintetiza.

Está posto: a violência contra as mulheres é uma das principais alavancas desse processo, uma vez que, a partir dela, se gera o medo que dá suporte à opressão. O estado de opressão, socialmente constituído, gera subordinação, insegurança e o enclausuramento das mulheres em suas casas. Não à toa que a casa, que é apontada por diversas pesquisas como o principal lugar dos feminicídios, passa a ser o lugar prioritário da vivência e da convivência das mulheres.

O relato de uma das entrevistadas (MULHER 53, 2021<sup>6</sup>), ao responder sobre algum lugar que não frequenta em Goiânia em função do medo, corrobora com esta argumentação: *“Porque perto da minha casa, gostaria de caminhar, mas é perigoso para uma mulher ir à noite, e eu não sei citar outros por que eu raramente saio”*.

Em outras palavras, sexuar a cidade é a forma de imbricação entre capitalismo e o patriarcado. Essa imbricação visa garantir a reprodução do capital, o controle do mercado e a acumulação. Afinal, o machismo, a misoginia, o racismo, entre tantos outros componentes que abastecem e disseminam o ódio e a violência, são os combustíveis desse processo para oprimir, controlar, alienar e

<sup>6</sup> Como não houve identificação das entrevistadas, em virtude do sigilo ético, utilizaremos como referência bibliográfica, no corpo do texto, o recurso de nomeação-numeração (MULHER 01) e a data da pesquisa (2021) para que sejam garantidas as vozes das depoentes.

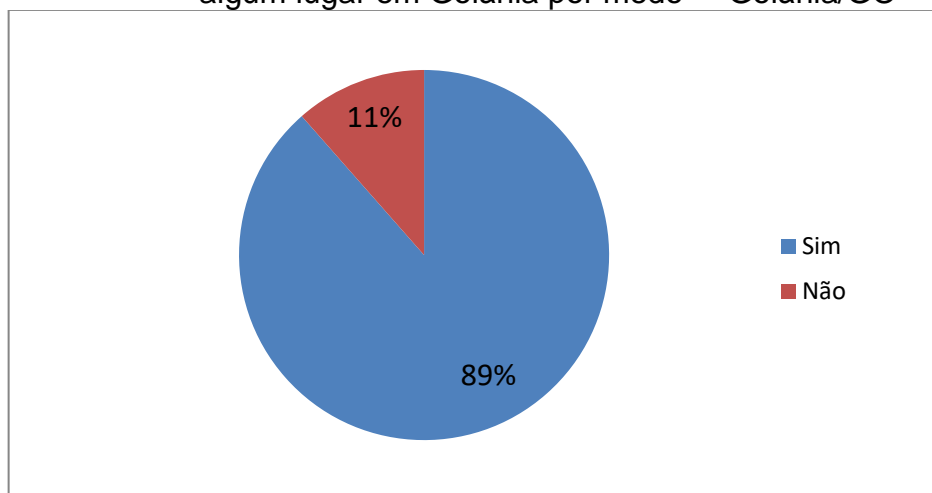
dominar. No relato de uma das entrevistadas – questionada se considera Goiânia uma cidade machista –, é possível constatar esta assertiva:

Sim. Tenho medo constante de andar na rua, seja perto de casa ou em qualquer outro lugar e não vejo esse medo em meus amigos homens. Eles não se sentem inseguros como eu e minhas amigas. Quando vou à mercearia na quadra ao lado da minha casa tento ir com roupas que não chamem atenção, não carregar nada de valor, evito troca de olhares e estou sempre atenta ao que acontece ao meu redor, com medo de ser abordada por algum homem (MULHER 33, 2021).

Fica evidente, como já exposto em estudo anterior, que a violência é uma das principais armas de que o capitalismo dispõe, haja vista que é potencialmente criadora dos mecanismos de controle e opressão das classes subjugadas, como, repita-se, é o caso das mulheres. O medo, como já dito, é um desses mecanismos porque cria uma insegurança de ser e estar na cidade. Ao inibir a mobilidade e corroer as possibilidades de ocupação e uso dos espaços públicos, retrai o movimento de transformação da ordem socioespacial estabelecida.

O gráfico a seguir apresenta o percentual de mulheres goianienses que deixam de frequentar um ou mais lugares por temerem ser violentadas e atesta este argumento.

Gráfico 2. Percentual de mulheres que deixam de frequentar algum lugar em Goiânia por medo – Goiânia/GO



Fonte: Fonte: dados da pesquisa (2021).

Como se pode constatar nos dados apresentados no gráfico (Figura 2), 89% das entrevistadas responderam que deixam de frequentar algum lugar em Goiânia por se sentir vulneráveis e/ou inseguranças ao caminhar pela cidade. A falta de segurança de andar sozinha à noite e o medo de ser violentadas são as principais justificativas apresentadas. Neste depoimento, uma das entrevistadas, Mulher 06 (2021), irá dizer que: *“eu gostaria de caminhar à noite pelo meu bairro e pelas ruas centrais da cidade, mas ouço as pessoas falarem que é perigoso e, por isso, não faço”*.

Em outra justificativa, fica evidente como o básico direito de ir e vir não é garantido no cotidiano de vida das mulheres goianienses.

Eu iria a vários outros lugares, o que me impede é enfrentar os mais de 12 km até os locais com opções mais interessantes de bares, teatro e restaurantes, pois tenho medo de voltar dirigindo sozinha para casa. Tenho medo de assaltos realizados por pessoas em motos ou outros veículos. Acabo não saindo para muito além do lugar onde moro (MULHER 88, 2021).

Os depoimentos, ao evidenciarem o modo como a mobilidade das mulheres na cidade vai sendo restringida por conta do medo e da violência, apresenta um importante indício para a compreensão de como se constitui o processo de enclausuramento de seus corpos e de suas subjetividades. Ajudam também a explicar a lógica de submissão e assujeitamento aos homens e ao Estado; mostram como esse tipo de opressão retroalimenta todo um processo, apesar de todos os avanços obtidos, relacionados à garantia dos direitos das mulheres na cidade e na vida pública, como o crescimento da escolarização das mulheres em todos os níveis de ensino no país a partir de 2000; o aumento da participação no mercado de trabalho a partir de 1976; a criação de órgãos governamentais destinados a gerir políticas para mulheres; e o sancionamento da Lei Maria da Penha, em 2006 (ARAÚJO; FACCHINI, 2021).

Não só isso. Demonstram claramente como a falaciosa perpetuação da velha máxima de que “lugar de mulher é em casa” foi se naturalizando ao longo do tempo. A violência, o medo e a precariedade da segurança pública são os combustíveis dessa artimanha sexista, utilizada para expropriar a força de trabalho das mulheres, esmaecer as suas subjetividades e constituir “oficialmente” espaços sexistas que são edificadas cotidianamente a partir do caolho e torpe binário homem-mulher.

Contudo, é preciso questionar: como esse processo se constitui ao ponto de tornar a opressão, a violência e a exclusão socioespacial da mulher algo natural? Responder a essa indagação é o que se pretende a seguir.

## GOIÂNIA E OS MARCOS ESPACIAIS DO MEDO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIOHISTÓRICA

Uma das respostas à indagação que encerrou a sessão anterior pode ser encontrada nas ciências positivistas, uma das bases intelectuais dos que dominam os territórios, os capitais e o trabalho. A concepção positivista, ao pregar a neutralidade da ciência e negar o processo sócio-histórico das transformações socioespaciais, naturalizou o homem como o centro do poder da existência humana e, por conseguinte, auxiliou na criação de um imaginário coletivo em que as mulheres são seres inferiores e frágeis. Por isso, são passíveis de ser anuladas, dominadas e assujeitadas na produção da vida humana.

Calió (1991), umas das integrantes do grupo de geógrafas brasileiras que surge na década de 1970 para contrapor o androcentrismo do pensamento geográfico oficial, diz que o androcentrismo é a base do sexismo e da masculinidade. Sob diferentes níveis, está presente nas ciências e nas cidades. Segundo a autora, nessa lógica, as mulheres são inexistentes no espaço geográfico e a Geografia, ao retratar uma humanidade masculina, uma, idêntica e homogênea, além de naturalizar a exclusão da metade da humanidade, compactua também com os princípios falaciosos de neutralidade, objetividade e normalidade.

O apagamento da mulher do espaço geográfico – tanto como produtora como um sujeito social de direito que tem as condições, materiais e imateriais, garantidas para o desfrute do espaço público – é uma das consequências dessa

forma de pensar e conceber o espaço urbano, conforme pode ser constatado a seguir nas palavras de um dos mais importantes urbanistas do século XIX:

As cidades são produto do tempo. São os moldes dentro dos quais a existência dos homens se resfria e condensa, dando forma duradoura, porvia da arte, a momentos que, de outra forma, findariam com os vivos. Na cidade, o tempo torna-se visível [...] As cidades nascem das necessidades sociais do homem e multiplicam tanto seus costumes como seus meios de expressão (MUMFORD, 1961, p. 14).

A epígrafe acima retrata o modo como a sociedade vem, ao longo dos séculos, conceituando e versando sobre a cidade: um espaço androcêntrico e, conseqüentemente, sexista que tem na figura do homem o seu produtor e produto principal. Produto dos tempos, das transformações socioespaciais e das ações e relações humanas, a cidade, considerada por Mumford (1961) como uma das mais extraordinárias obras humanas, revela, a partir de suas formas e dos seus conteúdos, o papel reservado à mulher: um ser inferior no que se refere à produção e transformações sócio-históricas e espaciais.

Esta inferioridade, conforme já apontado, é produzida na forma de pensar e conceber a humanidade, a sociedade e, conseqüentemente, as cidades. Por assim ser, a inferioridade da mulher, considerando a produção socioespacial, não é inócua, tampouco natural, pois a cidade, como produto social e representação prático-sensível das ações, relações e significações humanas, foi, e ainda é, concebida e (re)produzida conforme os contextos econômicos e culturais. No caso específico da cidade moderna, caso de Goiânia, o modo de produção capitalista e a cultura patriarcal estão no seu fundamento.

Ambos os sistemas excludentes – que se baseiam na luta de classes, na espoliação da força de trabalho, na acumulação das riquezas, na violência, na concentração, na opressão e no controle do movimento das classes subjugadas, entre outros elementos –, fazem da cidade um território complexo, polissêmico, polifônico. Com isso, há constantemente várias disputas entre os grupos dominantes e os grupos subjugados, como é o caso das mulheres do Brasil e de Goiânia.

No entanto, não se pode desprezar os símbolos, as ideias, a cultura, os preceitos e a memória que os grupos hegemônicos utilizam para perpetuarem as suas lógicas de pensamentos, significações e de práticas sociais. O mundo vivido reflete e concretiza em suas ações e relações as lógicas dominantes. Apesar de ser dialético – porque não há norma que consiga barrar o movimento da vida –, a classe hegemônica, por controlar o poder e os meios e modos de produção, é a que tem maior força para impor as suas ideias e objetivos.

Dessa forma, a subjugação da mulher, que é reforçada pela perversa dicotomia entre espaços privado e público, pode ser encontrada nas formas e nos conteúdos das cidades, bem como em suas memórias oficiais e sexistas. Estas resultam na naturalização de uma prática desigual entre homens e mulheres no uso do espaço urbano.

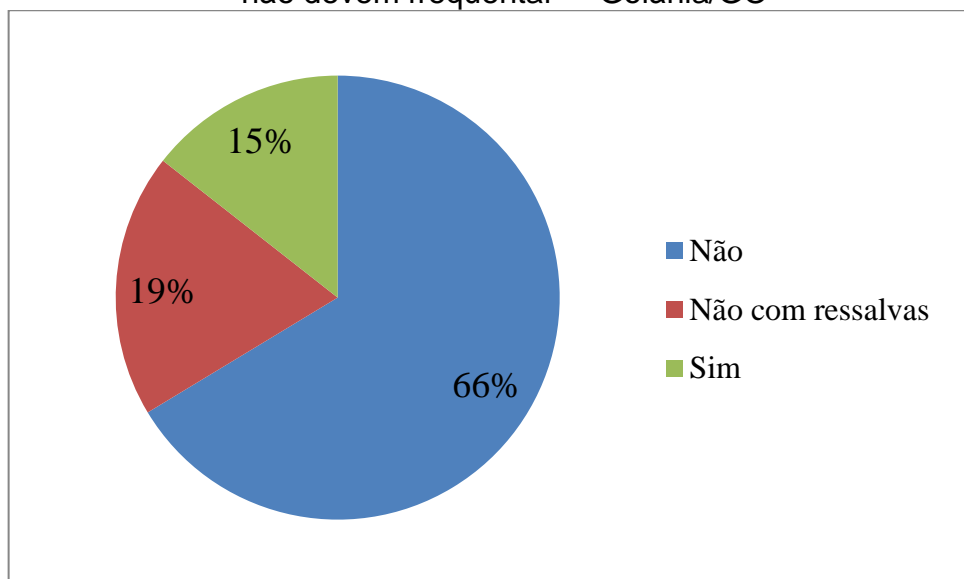
Mais que isso, essa forma de pensar e conceber a cidade é uma das bases da criação de um imaginário coletivo e de uma dinâmica urbana que naturaliza o sexismo e o coloca como uma discussão marginal e apartada do processo de produção socioespacial. Assim, a subjugação da mulher é objetivada por meio da construção de uma subjetividade capturada pelos conceitos e significados que alimentam a cultura do patriarcado a partir da concepção de alguns estigmas sobre



o que é ser mulher e como deve ser o seu comportamento frente à sociedade (KERN, 2020).

Exemplo dessa argumentação pode ser encontrado no resultado da penúltima pergunta do questionário, que continha a seguinte indagação: Você acha que tem algum lugar que mulheres não devem frequentar? Conforme se pode conferir no gráfico abaixo (gráfico 3), 66% delas disseram que ‘não’, 19 % responderam ‘não com ressalvas’, e 15% afirmaram que sim.

Gráfico 3. Opinião das goianienses se há algum lugar que mulheres não devem frequentar – Goiânia/GO



Fonte: Fonte: dados da pesquisa (2021).

Contudo, apesar de 66% afirmarem que a mulher tem o direito de frequentar o lugar que ela quiser, nas ressalvas e justificativas das outras 34%, principalmente das que responderam sim, fica evidente como o machismo e a estigmatização estão presentes em suas formas de ver e conceber o mundo, conforme se evidencia em três depoimentos de mulheres que responderam ‘não com ressalva’.

A primeira (Mulher 20, 2021), diz: *“Acho que mulher tem que ir onde quiser, mas existem alguns lugares que são hostis com as mulheres, como um bar comum (tipo uma distribuidora de bebidas). Ou uma oficina mecânica”*. Já a segunda (Mulher 21,2021) argumenta: *“Acho que não. A mulher tem liberdade de entrar e sair de onde ela bem entender. Ela é um indivíduo, assim como o homem também é. Contudo, infelizmente não temos essa liberdade”*. E, por último, segue o depoimento da Mulher 07 (2021) que expõe: *“Se existe algum lugar que não devemos frequentar seria por segurança nossa e não por alguma proibição basicamente ligada ao gênero. Deveríamos ser permitidas e nos sentirmos seguras em qualquer e todo lugar”*.

Uma informação que pode ser ressaltada a partir dos relatos é que, mesmo capturadas pelo medo e pela coerção exercida pela violência, as mulheres têm a noção e não concordam plenamente com as restrições que lhes são impostas em seus cotidianos de vidas pelo machismo estrutural. Entretanto, nas justificativas das que responderam ‘sim é visível que, apesar de serem mulheres, elas compactuam e concordam com as definições dos papéis sexuais estabelecidos socialmente entre homens e mulheres. Os relatos a seguir retratam esta assertiva.

No caso da Mulher 28 (2021), a justificativa dada para a resposta que mulheres não devem frequentar algum lugar em Goiânia é a seguinte: *“Boteco, distribuidora, boates, porque infelizmente são locais que tem pessoas que podem ser de má intenção”*. Já a segunda justificativa, que é da Mulher 31 (2021), aponta o seguinte: *“Locais violentos, ruas perigosas. Somos mais frágeis referente a sofrer agressões e abusos”*. Já o terceiro e último argumento, o da Mulher 27 (2021), expõe que: *“Bares, não acho que seja um bom exemplo pros filhos”*.

As vozes das mulheres evidenciam e reforçam como o patriarcado, fundado como modo de vida do capitalismo, tece significados que garantem e naturalizam o direito e o poder do homem sobre a propriedade; sobre as mulheres; sobre a terra e tudo que é produzido e necessário, como é o caso das cidades. Por isso, é preciso compreender e desvelar que as discussões de gênero fazem parte da reflexão da luta de classe e, com isso, tornam-se indispensáveis ao enfrentamento das desigualdades sexuais, econômicas e socioespaciais.

O sexismo urbano, assim, é um produto da imbricação entre capitalismo e patriarcado. Este acontece a partir da conjunção entre a divisão social, técnica e sexual do trabalho e entre a produção de uma morfologia espacial fragmentada, hierarquizada, sexista e violenta. Neste sentido é que sexuar as cidades apresenta-se como mais uma das estratégias da produção espacial nefária, haja vista que esta forma de pensar e de produzir o espaço urbano está diretamente conectada a outra estratégia: a da fragmentação do espaço urbano.

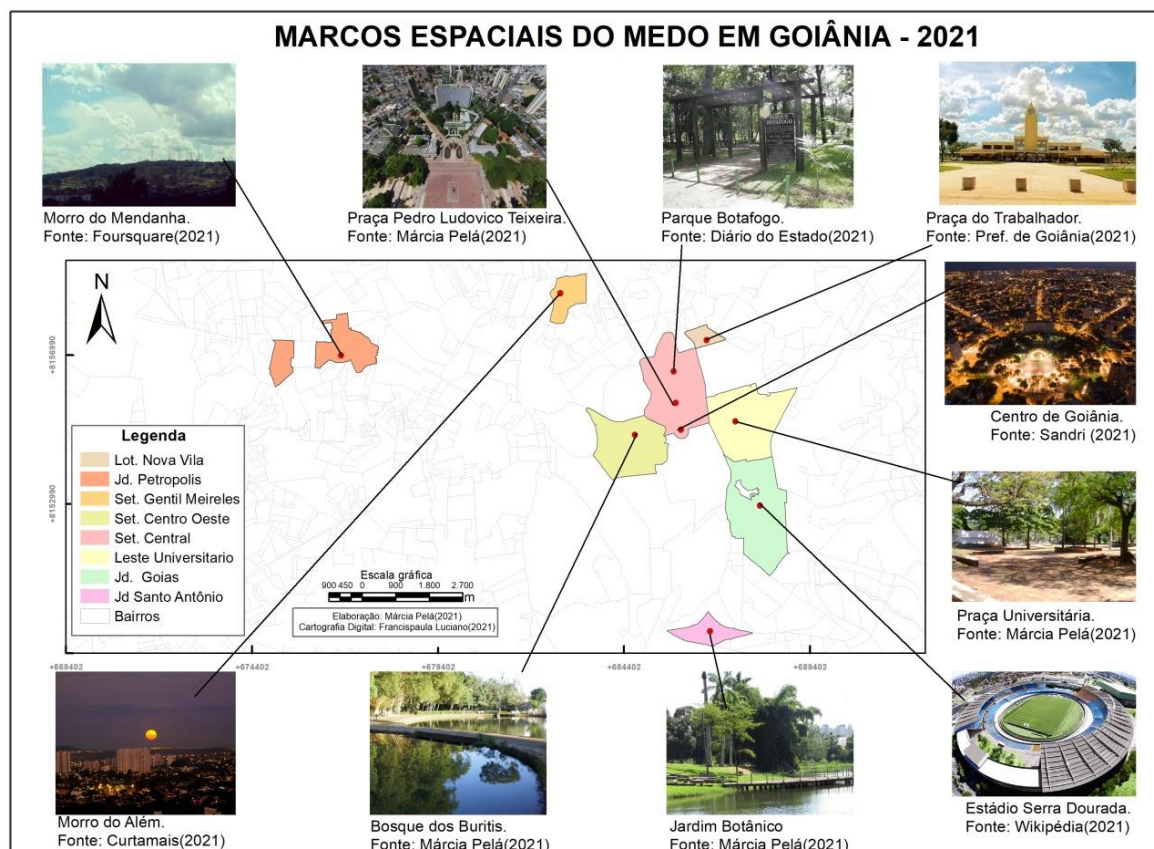
Pelá e Chaveiro (2021) irão dizer que a fragmentação é uma das principais chaves para compreender a complexidade e as contradições da vida urbana. A partir dela é possível enxergar que, por trás da desigualdade e da exclusão socioespacial, existem estratégias desenvolvidas por quem domina o poder. Uma das principais estratégias desse domínio é a intersecção entre a monopolização do solo urbano e as articulações entre Estado, capital privado e especuladores imobiliários. Esse processo se viabiliza com a construção e propagação de ideologias que distorcem a realidade da produção socioespacial, como é o caso da ideologia de gênero.

A Figura 1 foi construída a partir dos resultados da pesquisa *“As mulheres e a produção do espaço urbano de Goiânia”*. Ela retrata os Marcos Espaciais do Medo em Goiânia, um exemplo concreto do que foi exposto até o momento.

Os dados apresentados pelos Marcos Espaciais do Medo (Figura 1), ao apontarem que os espaços culturais e de lazer, somados às praças e aos parques, estão entre os principais locais não frequentados pelas goianienses em decorrência do medo de serem violentadas, reafirmam como os espaços públicos de Goiânia consistem em territórios hostis. Esta hostilidade cravada espacialmente torna os seus cotidianos recheados de restrições de tempo, lugar e opções de desfrute da cidade e de experienciar a vida.

Demonstram, ainda, ao indicar os estádios de futebol como espaços de medo das mulheres, como a constituição e a normatização do processo de sexuar e fragmentar a cidade estão intimamente ligadas à figura do homem másculo e detentor do direito e do poder de desfrute dos prazeres mundanos. Em outros termos, a cultura do patriarcado se constitui em Goiânia, gritando algo assim para as mulheres: *“fiquem em suas casas porque estes lugares de diversão, arte, vibração, ócio e alargamento de mundo não foram feitos para você!”*.

Figura 1. Marcos Espaciais do Medo – Goiânia/GO



Fonte: dados da pesquisa (2021).

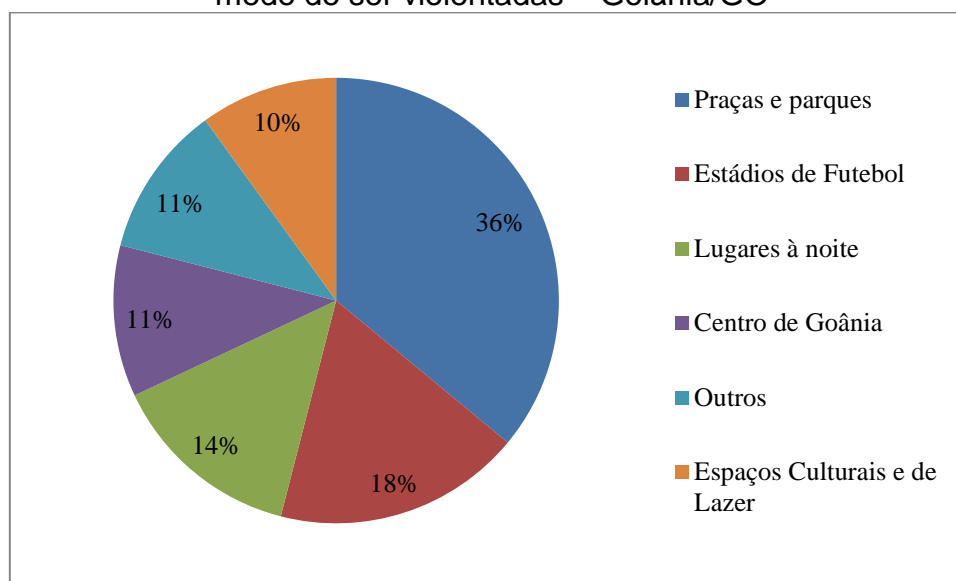
Ao crescer a essa conjuntura a estatística de que 14% (Gráfico 4)<sup>7</sup> das mulheres entrevistadas têm medo de andar sozinha à noite em qualquer lugar de Goiânia, constata-se o quanto a mobilidade das goianienses são cerceadas e planejadas para que elas se desloquem apenas nos horários normatizados para o trabalho. A restrição de mobilidade também ocorre no sentido de as mulheres terem apenas a liberdade de trânsito para cuidarem dos filhos e para o consumo de suprimentos para a família.

Todas estas limitações fazem, conforme aponta Melo (2019), que Goiânia, principalmente para a mulher que mora na periferia, seja apenas um espaço de atravessamento para realizar, quase que exclusivamente, as suas estafantes jornadas triplas ou duplas de trabalho. A restrição se constitui como uma espécie de enclausuramento espacial.

Este cenário nos possibilita desvelar o ‘DNA’ da produção espacial de Goiânia: uma cidade que foi planejada e construída a partir de uma modernização conservadora que, ao se basear no desenvolvimento desigual e concentrado, cumpre o papel de molde urbano do projeto de integração e expansão do capitalismo via modernização do território brasileiro (PELÁ, 2016). Por esta perspectiva, é notório que a opressão à mulher com base no sexismo é vital para o processo de sustentação e reprodução capitalista.

<sup>7</sup> A soma dos números ultrapassa 100% em virtude de ter sido possibilitada mais de uma resposta nas questões de múltipla escolha.

Gráfico 4. Lugares em Goiânia que as mulheres não frequentam por medo de ser violentadas – Goiânia/GO



Fonte: dados da pesquisa (2021).

A título de exemplo, ressaltamos, mais uma vez, que este processo é dialético. Existem reações contra esta opressão, pois as mulheres, como qualquer outro ser humano, não são passíveis de alienação total. Elas reagem, organizam-se, lutam pelos seus direitos de desfrutar a cidade e pela conquista de sua emancipação, resignificando, assim, os códigos e os símbolos que as oprimem, pois enxergam que está em curso uma tentativa de apagamento de sua história e de sua memória socioespacial.

Pouco a pouco, as mulheres estão se transformando e transformando os traços e os compassos que insistem em excluí-las de qualquer representatividade pública. As imagens a seguir – Figuras 2,3 e 4 e Figuras 5, 6 e 7 –, que retratam as mulheres manifestando-se pelos seus direitos e os grafites que compõem a Galeria de Arte Urbana, inaugurada em 2019, na Rua do Lazer no Centro de Goiânia, sinalizam as lutas das mulheres e de todos os que desejam a emancipação.

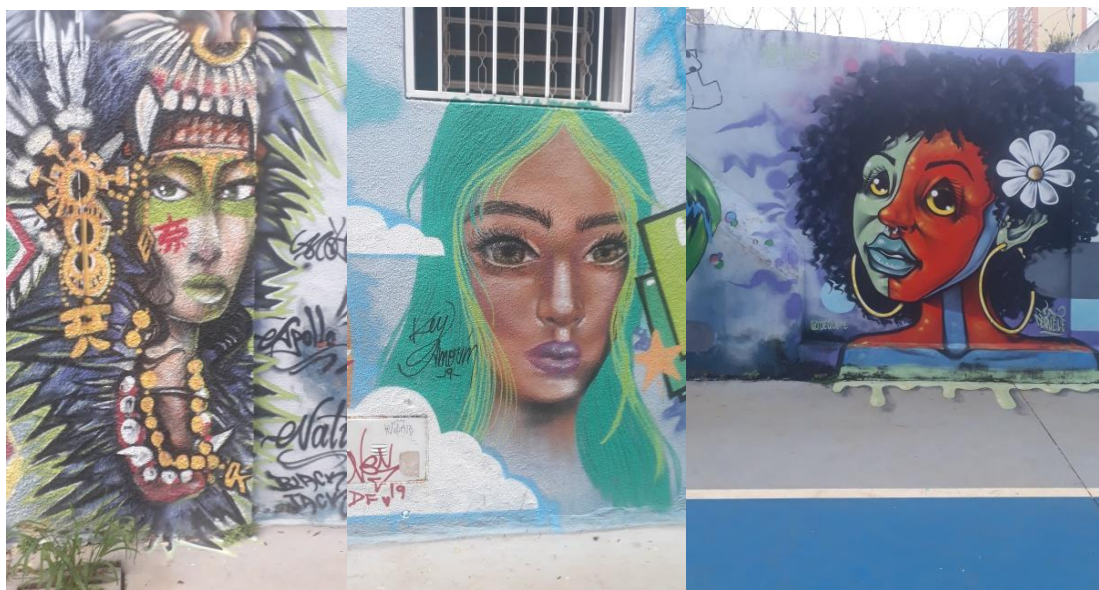
Figuras 2, 3 e 4. Mulheres em luta por seus direitos – Goiânia/GO



Fonte: Coletivos de Mulheres, 2021.



Figuras 5, 6 e 7. Grafites de mulheres. Galeria de Arte Urbana – Goiânia/GO



Fonte: fotografias dos autores (2021).

As imagens, ao retratarem as mulheres se colocando no espaço com todas as suas diversidades, as tornam representações sociais e criam, assim, modos de pertencimento às cidades, seja por meio da fala, da escrita, dos vislumbres culturais e artísticos, seja pelas lutas emancipatórias via movimentos sociais. Demonstram também que as lutas podem ocorrer – e ocorrem – de diferentes maneiras.

As imagens também anunciam os índices das transformações da ordem estabelecida, demonstrando que o movimento da vida não se dobra à norma ou a qualquer regime de controle. Ele, o movimento, é como a água doce e mansa, mas persistente, que vai dia a dia, de forma lenta e constante, remodelando as formas e os conteúdos da pedra. Em Goiânia também é assim. Pouco a pouco vão-se abrolhando os espaços de sublevação que, de uma forma ou de outra, estão imprimindo outra ordem na dinâmica socioespacial da cidade.

É lógico que, em geografia e fora da geografia, ligado aos movimentos sociais e também incluso na produção acadêmica, o grito da mulher contra todo tipo de opressão possui o alcance do imaginário mundial. Contudo, em Goiânia, esse grito e as representações de pesquisa possuem a especificidade ligada à história da cidade. Uma história imersa na história do país; um espaço imerso no território brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO

As reflexões apresentadas nos possibilitaram entrever as tramas que permeiam a questão da mulher, em geral, e principalmente das mulheres na produção socioespacial de Goiânia. Descortinar tais tramas é necessário para que se rompa com a visão pessimista e unilateral que não enxerga o movimento, as resistências, as táticas de enfrentamentos, as ações culturais e artísticas que, de alguma maneira, se dispõem contra os regimes opressores.

Desta feita, os argumentos arrolados enfrentam as insígnias, como a que diz não haver saídas; que a opressão é natural; que não há reação. Há sim! As contraposições e as buscas de caminhos, que vão além do pensamento dominante dos que planejam e operam o espaço urbano, estão sendo construídas cotidianamente pelos que não concordam com a lógica hegemônica.

Outras formas de pensar, conceber e produzir as cidades, nos fios tenros do cotidiano; na organização de grupos e coletivos femininos; nos movimentos sociais que contestam qualquer tipo de opressão; e na enunciação da arte mostram a vitalidade de outro pensar urbano para construir outro urbano para viver. Enxergamos também a força de narrativas das mulheres, não apenas sobre as mulheres, mas sobre o trabalho, sobre o lazer, sobre a corporeidade, enfim, sobre o mundo.

Pode-se dizer que há levantes que, ao trazerem em seus âmagos a luta das mulheres para conquistar os seus lugares de direito como produtoras e produtos do espaço geográfico, nos municiam de argumentos para conjecturar que, no seio das disputas sociais, elas, as mulheres, estão em movimento constante e ininterrupto. Este fato possibilita compreender Goiânia e a vida urbana como movimentos e possibilidades que germinam e revelam outras formas de ações e de relações socioespaciais.

Essas formas possuem uma seta: desejam extrapolar a lógica sexista, patriarcal e capitalista que culminou com a construção de Goiânia e com a sua expansão. Aliás, como foi mostrado, além dos atributos materiais afirmativos do sexismo urbano, outros, de caráter simbólico, foram implementados como monumentos e imagens. Muito mais que um adorno ou meras homenagens, a operação simbólica tratou de naturalizar o sexismo, afirmando o patriarcado espacialmente sedimentado.

Todos estes elementos permitem asseverar que a exclusão socioespacial da mulher está diretamente relacionada à luta de classes entre dominantes e dominados. Embora, não seja exterior à luta de classe, também não se encerra nas dimensões econômicas das classes. Poder-se-ia dizer que classe social, gênero, corporeidade – e outras categorias – se juntam, tanto nas estratégias do opressor, quanto nas táticas de enfrentamentos da opressão. Isto posto, a luta de classe inclui a luta de gêneros, em que o espaço se torna concretizador de todas as relações.

A inferiorização da mulher na produção socioespacial se conecta, portanto, com a exploração dos trabalhadores, dos LGBTQIA+, dos negros, dos pobres, dos camponeses, dos povos indígenas e de todos aqueles que são oprimidos e excluídos por esta (i)lógica econômica (capitalismo) e cultural (patriarcado). Como foi tratado no texto, essa lógica se baseia, entre outros fatores, na segregação, na violência e na exploração da força de trabalho humana.

Não é por acaso que as cidades se tornam sexistas. Sexuar a cidade é algo necessário para a produção e reprodução desta lógica perversa que, ao se pautar em uma concepção binária de poder e domínio, transforma a cidade moderna numa das mais concretas representações de suas ideias, significações e modelos de produção e de vida. É por isso que a cidade se transforma em um território hostil e violento para todas(os) que são subjugadas(os) e excluídas(os) pelo capitalismo e pelo patriarcado, como é o caso, frisa-se, das mulheres, dos pobres, dos negros e dos LGBTQIA+ .

Por assim ser, existem outras formas de pensar, conceber e (re)produzir as cidades e a vida urbana. Uma dessas formas, apresentada por Calió (1991) e na

qual nos baseamos, concebe a cidade como espaço demarcado pelo gênero. Nesta perspectiva, é possível vislumbrar que as relações de poder extrapolam as desigualdades socioespaciais, fruto das diferenças socioeconômicas, e atingem as relações entre os gêneros em relação à produção do espaço urbano.

E foi exatamente isso que constatamos na pesquisa. O gênero, dentro de uma perspectiva interseccional, se apresenta como uma categoria primordial para compreender que o ato de sexuar a cidade está diretamente conectado ao processo de fragmentação espacial. A fragmentação, por sua vez, possui um tônus político: o de separar os oprimidos dos próprios oprimidos; o de separar, no jogo político, as mulheres trabalhadoras dos homens trabalhadores. Mais que isso: ela, como foi visto, naturaliza os processos sociais que engendraram – e ainda engendram – a opressão. E todas as opressões causam sofrimento, tristeza, desistência de viver.

Por fim, gostaríamos de esclarecer que por entender e defender que o conhecimento científico deve estar conectado com as pautas sociais e embrenhado no cotidiano de vida da população como um dos instrumentos de alargamento de mundo e possibilitador de outras significações, que contribua com a transformação social, é que decidimos por uma narrativa limpa e acessível. Por isso, optamos em construir um texto que, ao conter poucas citações bibliográficas e priorizar as vozes e as impressões das goianienses sobre a cidade, conseguisse de fato dialogar com a sociedade.

Contudo, é preciso registrar que as nossas reflexões foram amalgamadas a partir de estudos e conceitos teóricos cunhados, principalmente, por pesquisadoras e militantes feministas, como as geógrafas (do Brasil e do mundo), que há décadas lutam para que a mulher e os estudos sobre elas não sejam tratados de forma marginal e com o status de segunda categoria.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. C. & FACCHINI, R. *Persistência das desigualdades, discriminações e violências*. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/mulheres-e-direitos-humanos-no-brasil-avancos-e-desafios>. Acessado em: 12 nov. 2021.

CALIÓ, S. A. *Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana*. 1991, São Paulo, 177p. Tese (Doutorado em Geografia Urbana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, 1991.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GOIÂNIA (Secretaria Municipal da Saúde – SMS). *Relatório da Violência contra a Mulher de Goiânia*. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/mulheres-entre-20-a-59-anos-sao-as-maiores-vitimas-de-violencia-em-goiania/>. Acessado em: 15 set. 2021.

KERN, L. ‘Upward-thrusting buildings ejaculating into the sky’ – do cities have to be so sexist? The Guardian, 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/fWE4S4u>. Acessado em: 7 mar. 2021.

KERN, L. *Ciudad feminista: La lucha por el espacio en un mundo diseñado por hombres*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: EGodot Argentina, 2020. Traducción de Renata Prati.

MELO, R. *O desafio de ser mulher em cidades pensadas para mercadorias e homens*. Disponível em: <https://www.anf.org.br/o-desafio-de-ser-mulher-em-cidades-pensadas-para-mercadorias-e-homens/>. Acessado em: 15 set. 2021.

MUMFORD, L. *A cultura das cidades*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

PELÁ, M. C. H. *Uma nova (des)ordem nas cidades: o movimento dos sujeitos não desejados na ocupação de Goiânia, Brasília e Palmas*. Aparecida de Goiânia: Faculdade Alfredo Nasser, 2016.

PELÁ, M. C. H. & CHAVEIRO, E. F. *As mulheres na produção socioespacial de Goiânia: invisibilidade e sexismo*. *Ateliê Geográfico*, 15(2), 202–218, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/70240>. Acessado em: 15 out. 2021.

\_\_\_\_\_. *A metrópole contemporânea: o espelho da fragmentação*. In: *Pesquisar Mais: a ciência em processo e seus resultados (e-book)* / Organização: Júlio César Borges, Carlos Alberto Vicchiatti, Emídio Silva Falcão Brasileiro. Aparecida de Goiânia: Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN): Editora Alfredo Nasser, 2021. Disponível em: <https://bitly.com/ypLIAI>. Acessado em: 15 out. 2021.